



DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8649547

PATRIMÔNIO CULTURAL POTIGUAR: HISTÓRIA, MEMÓRIA E NARRATIVAS DO PRESENTE

POTIGUAR CULTURAL HERITAGE: HISTORY, MEMORY AND NARRATIVES OF PRESENT

Gabriela Assunção
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
gabriela.lira.assuncao@gmail.com

Resumo

No cenário da Natal contemporânea, o artigo discute os elementos físicos que dão suporte as narrativas do presente sobre sua área patrimonial. As falas de usuários (moradores, trabalhadores e visitantes) dos antigos bairros, Cidade Alta e Ribeira, são analisadas com base no estudo da história e memória local. Entre os resultados, destacou-se a influência dos discursos de modernização de início do século XX ainda presente na maneira de interpretar o ambiente urbano. Na imagem apresentada, observa-se dificuldade de os usuários reconhecerem valor cultural de trechos modestos da malha urbana, aqueles de ruelas estreitas da herança colonial. Nesse sentido, orientam-se caminhos para ampliar lembranças e apagar imagens negativas associadas ao centro histórico.

Palavras-chave

Cidade. História. Memória. Patrimônio cultural. Vivências.

Abstract

In the contemporary scene of Natal, the article discusses the physical elements that support the present narratives about its patrimonial area. The speeches of users (residents, workers and visitors) of the old neighborhoods, Cidade Alta and Ribeira, are analyzed based on the study of local history and memory. Among the results, we highlighted the influence of modernization discourses of the early 20th century still present in the way of the urban environment are interpreted. In the presented image, it is observed difficulty of the users to recognize cultural value of modest parts of the urban mesh, those of small narrow streets of the colonial inheritance. In this sense, it is guide ways to enlarge remembers and to erase negative images associated with the historical center.

Keywords

City. History. Memory. Cultural heritage. Experience.



DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8649547

1. Introdução

Eu nunca sinto uma brisa agradável sem lembrar de Natal. Natal é o lugar onde os ventos sopram a nosso favor. [...] Pouco se fala do patrimônio cultural de Natal, não porque ele inexistia, mas porque outros aspectos da paisagem e do entorno da capital do Rio Grande do Norte capturam antes nossa imaginação e convocam atenção de forma exclusiva[...]. São as praias, as dunas e a brisa que nos mobilizam [...] (IPHAN, 2008, p.19-20)

O trecho acima faz parte do parecer de Marcos de Azambuja que se encontra no processo de tombamento federal do conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico de Natal, aprovado por unanimidade em 2008 pelo consultivo do Instituto de Preservação do Patrimônio Artístico e Histórico (IPHAN). A área delimitada corresponde a parte dos atuais bairros da Cidade Alta e Ribeira, que guardam estrutura urbana e edificações que testemunharam a história local, da origem da ocupação aos mais de 400 anos existência da cidade (fundada em 1599). A fala do conselheiro é reveladora do desafio que o patrimônio enfrenta no contexto contemporâneo, o de fazer sentido para as pessoas e assim se fazer presente na imagem da cidade bastante explorada do ponto de vista turístico. Através do caso estudado, argumenta-se a importância de trabalhar a relação da população com a área tombada, para que o patrimônio cultural¹, julgado relevante pelos técnicos, seja também conhecido e reconhecido no cotidiano.

O tombamento federal de um conjunto em Natal, oficializado em 2010, se somou à ações anteriores do município e do estado² em busca de legitimar o valor cultural e promover a preservação de trechos do núcleo de formação da cidade, situados nos atuais bairros da Cidade Alta e Ribeira (Figura 1). Mesmo com a atuação dos três níveis de governo (Municipal,

¹ A temática do patrimônio tem acompanhado um crescente interesse pelas memórias dos diversos grupos da sociedade, pois o conceito ampliou-se (STARLING, 2009). Hoje não são reconhecidos e preservados apenas as obras de arte de destaque, de caráter monumental e os elementos excepcionais do sítio urbano. É cada vez mais frequente o reconhecimento do valor cultural em torno de elementos modestos que fornecem suporte à memória e identidade de pequenos grupos da sociedade. Segundo Márcia Chuva (2012, p.73), a ideia de unidade nacional foi substituída pela de diversidade cultural "sem perder completamente a referência ao pertencimento nacional".

² Nesse recorte da pesquisa [omitido para revisão cega] não se discutiu as ações anteriores e posteriores ao tombamento de 2010, apenas considerou-se a existência desde 1990 de "um processo de reconhecimento de valores e construção de estratégias para o patrimônio cultural" [omitido para revisão cega].

Estadual e Federal), a gestão urbana da área patrimonial tem falhado em promover uma preservação mais ampla do acervo edilício e da paisagem ligada ao Rio Potengi. Estudos destacam que intervenções pontuais têm sido implantadas sem o devido diálogo entre os sujeitos envolvidos ([omitido para revisão cega]; SILVA, 2002). O patrimônio potiguar está em constante ameaça, alguns bens na área tombada estão em estado de ruína e muitos outros carecem de manutenção.

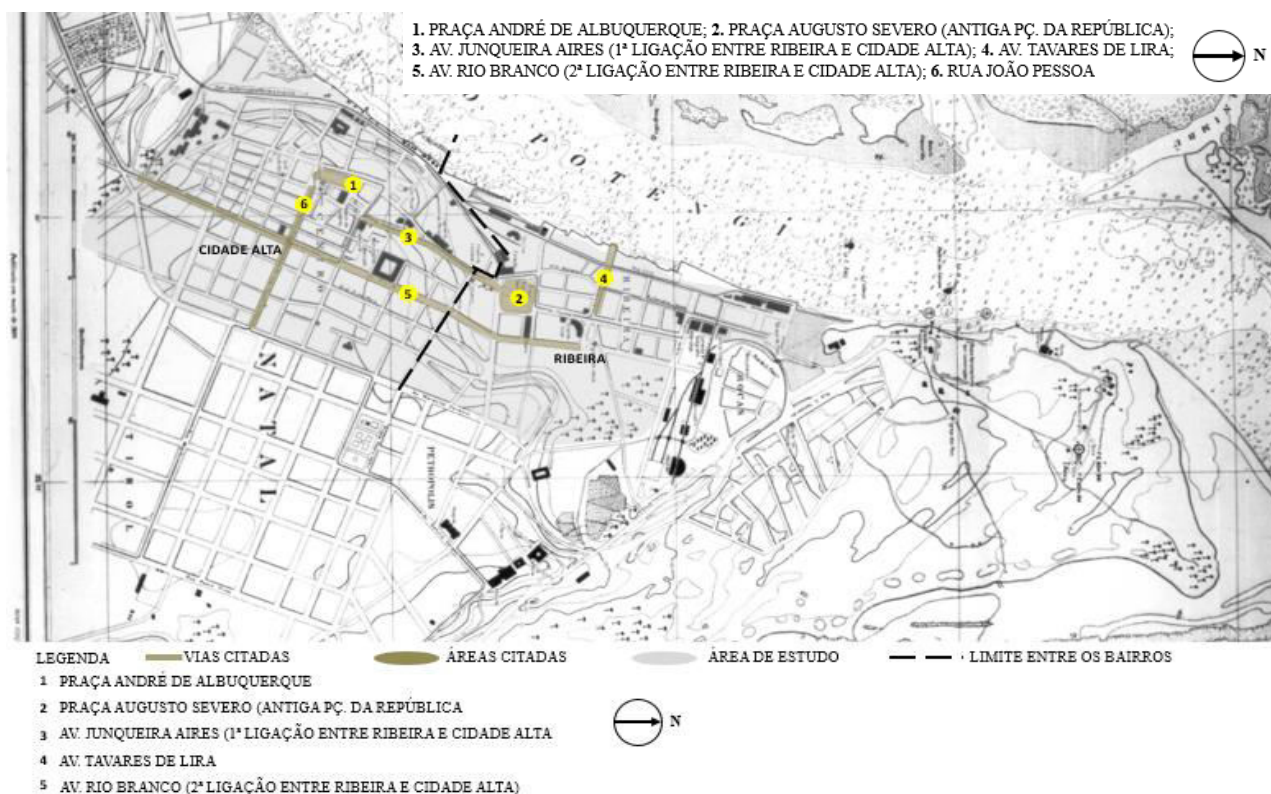


Figura 1 – Mapa do patrimônio cultural reconhecido pelos níveis de governo, com identificação de alguns espaços públicos citados ao longo do texto.

Fonte: base da Prefeitura de Natal, modificado [omitido para revisão cega].

A justificativa da pesquisa parte da constatação do problema da falta de representatividade do patrimônio cultural da área de formação do núcleo urbano na imagem contemporânea de Natal. O turismo de *Sol e Mar* da capital e do estado do Rio Grande do Norte, incentivado pelo governo a partir da década de 1950, tem contribuído para evidenciar certos atributos naturais: as dunas, praias e lagoas locais. (VELOSO; ELALI, 2006). Mas pouco se fala de exemplares arquitetônicos e trechos do tecido que compõem a paisagem histórica do



DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8649547

Rio Potengi. Com o abandono, a descaracterização e a falta de identificação pouco a pouco perdem-se suportes materiais da história e memória locais³.

Do exposto, estrutura-se o objetivo principal: analisar os discursos que norteiam narrativas da população sobre a área patrimonial da cidade, discutindo os elementos do passado que são mobilizados e os que foram esquecidos na representação contemporânea. A abordagem adotada parte primeiro de estudos consolidados sobre a historiografia local⁴, depois de registros memorialísticos para entender como as palavras / projetos da cidade marcaram fisicamente o espaço estudado e ajudaram, por fim, a moldar a percepção do ambiente atual⁵.

A discussão envolve múltiplos tempos envolvidos na vivência com o tecido sócio/cultural. À medida que são consideradas leituras de cidadãos do presente sobre um ambiente com camadas do passado, servindo para a reflexão de novos caminhos para o futuro da área patrimonial. O olhar para o passado revela a vocação de uma cidade a sempre se reinventar. Mário de Andrade (2015, p.254) em suas viagens de “redescoberta do Brasil” diria: “Natal é feito São Paulo: cidade mocinha, podendo progredir à vontade sem ter coisa que dói destruir [Natal, 20 de dezembro de 1928, 17h]”. A fala de Mario de Andrade é corroborada nos escritos de Luís da Câmara Cascudo⁶, cicerone do autor paulista na estadia no Rio Grande do Norte. Cascudo teve papel fundamental no discurso de modernização local, ajudando também a construir a história e memória potiguar.

É preciso destacar, ainda, quanto a abordagem adotada que o processo de construção da memória se diferencia do historiográfico. Segundo estudo clássico de Maurice Halbwachs (2006[orig.1968]), o fenômeno mnemônico é uma ação do presente que tem suporte no quadro social e físico da cidade. Assim as transformações urbanas têm influência direta na

³ O acervo arquitetônico potiguar fora da área tombada, está ainda mais ameaçado. Em Natal, um caso recente de ameaça de demolição vem ocorrendo com o Hotel Internacional dos Reis Magos, edificação modernista situada num trecho de orla de Natal. Existe interesse financeiro de alguns agentes no terreno para a construção de mais um shopping center. Por outro lado, há mobilizações de acadêmicos da UFRN e de associação de moradores em torno da preservação do imóvel. Mas o movimento de resistência não vem conseguindo uma participação mais abrangente da população da cidade quanto à importância de salvaguardar suportes físicos da história e memória de um povo (Cf. DANTAS, NASCIMENTO e VIEIRA-DE-ARAÚJO, 2016).

⁴ Nesses estudos destacamos o conjunto de escritos de Ângela L. Ferreira e George A. Dantas (2005) em *Surge et Ambula*; Ângela L. Ferreira et al. (2008) em *Cidade São e Bela*; Rubenilson Teixeira (2009) em *Da cidade de Deus à cidade dos homens*; a tese de doutorado *A cidade e a guerra* de Giovana Oliveira (2008) e a dissertação de mestrado *Ribeira, técnica versus natureza* de Yuri Simonini (2010).

⁵ O artigo consiste num desdobramento de uma pesquisa [omitido para revisão cega]. O material analisado (sobre história, memória e fala dos usuários) foi revisitado e alguns de seus resultados foram destacados como forma de apresentar possibilidades para avançar na conscientização da preservação patrimonial local.

⁶ Desde as crônicas em periódicos da década de 1920 até os anos 1940 quando publica a obra *A História da Cidade de Natal* [orig.1947] e sucinto texto *Natal cidade sempre nova* [orig.1949].



DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8649547

dialética da lembrança e do esquecimento. Conforme destaca Pierre Nora (1981, p.9) a memória é carregada por grupos vivos e “está em permanente evolução”, assim, sujeita-se a “deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações”. Os registros memorialísticos foram utilizados para auxiliar na compreensão dos significados socialmente construídos e não para a compreensão da realidade física em si, essa foi alvo de análise dos estudos historiográficos.

2. Considerações históricas sobre a área patrimonial de Natal-RN.

Natal é uma cidade fundada no século XVI (mais precisamente em 1599), tendo início como um pequeno povoado em torno de uma “praça”, com feições de descampado, correspondente hoje à atual Praça André de Albuquerque. O núcleo de formação na Cidade Alta se situou no platô elevado próximo à margem d’água do Rio Potengi (Figura 2). No perímetro desse espaço livre foram construídas a igreja Matriz e edificações civis, como a casa de Câmara e Cadeia. No século XVIII a ocupação se expandiu lentamente para a cota baixa do Potengi, denominada de Ribeira. Estas duas áreas urbanas foram se desenvolvendo lentamente até o século XIX, praticamente independentes, pois eram separadas fisicamente por uma área alagada do Potengi, tendo como única ligação a Ladeira da Cruz que era íngreme e precária a essa época (atual Av. Junqueira Aires).

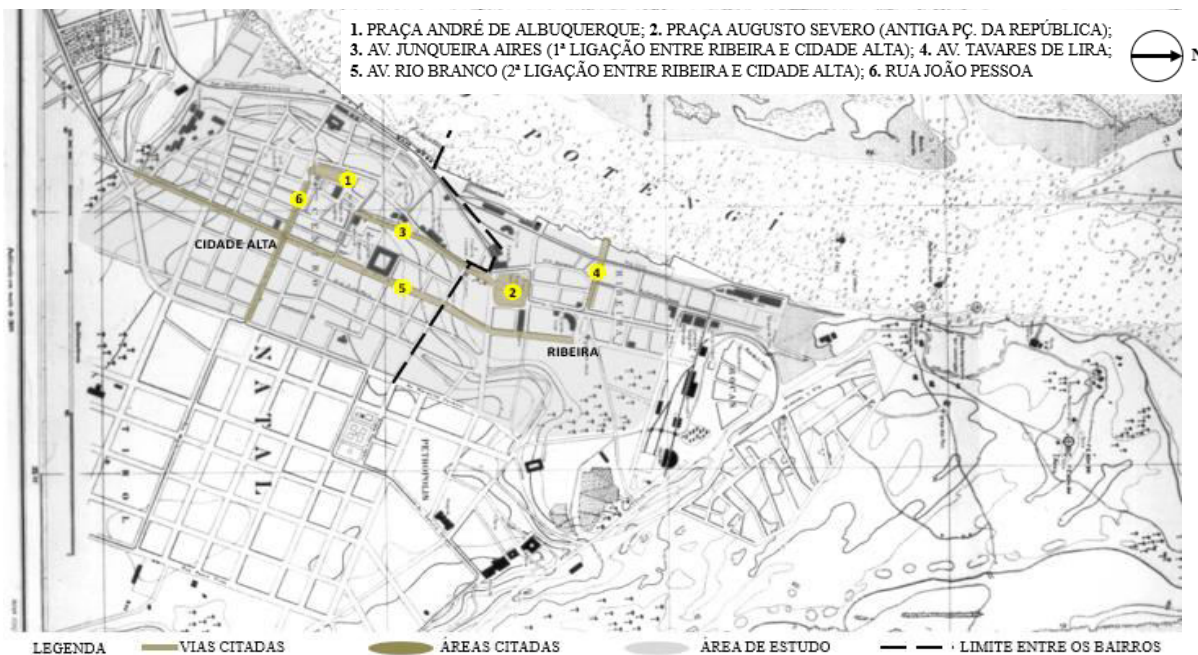


Figura 2 – Mapa da cidade de Natal em 1941, com indicações de elementos citados na abordagem histórica sobre os bairros da Cidade Alta e Ribeira.

Fonte: levantamento efetuado pela Marinha do Brasil em 1941, modificado [omitido para revisão cega].

Entre fins do século XIX e princípios do XX, padrões modernos de cidade chegam a Natal. Espaços públicos (vias e praças) do núcleo de fundação passaram por melhoramentos, edificações foram reformadas e embelezadas com ornamentos de referências estrangeiras (muitas vezes importados diretamente da Europa). A antiga área alagada do Rio Potengi foi aterrada, recebeu calçamento, iluminação, jardins, transformando-se em formosa praça inicialmente denominada Praça da República e posteriormente recebendo o nome de Augusto Severo (SIMONINI, 2010). Sobre esse período, destaca Oliveira (2006, p.111):

Os vinte e cinco primeiros anos do poder republicano em Natal, entre 1889 e 1913, caracterizam-se pelo grande investimento que o poder público realizou para transformar essa cidade, resolvendo problemas de insalubridade; assegurando a limpeza e o asseio das ruas, becos, praças e residências; reformando esteticamente ruas; introduzindo no cenário urbano o sistema de abastecimento de água e esgoto, iluminação (inicialmente com gás etileno, depois elétrica), transportes (bondes), comunicação (telégrafo e telefonia); dotando a cidade de infraestrutura urbana geral (escolas, hospitais, cadeia pública, bancos, teatro, cinema); reconstruindo e construindo novos edifícios e executando as obras do porto de Natal.



DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8649547

A modificação viária, o apreço estético das edificações modificou áreas selecionadas da urbe, a fim de se construir um imaginário moderno e conseqüentemente provocar o refinamento da sociedade⁷. O governo concedeu incentivos aos proprietários de imóveis a fim de “fomentar a edificação de valor arquitetônico e apurar o gosto pelas fachadas artísticas” (Lei nº 4, 2 set. 1929 apud MIRANDA, 1999, p.68). A Avenida Junqueira Aires (antiga Ladeira da Cruz) foi uma das vias que remodeladas, se configurou numa das ruas mais belas da cidade, com seus casarões abastados, calçamento definitivo, arborização, iluminação e infraestrutura para passagem dos bondes (SIMONINI, 2010). As intervenções de início do século XX foram fundamentais para aumentar a integração entre a cota mais alta e a baixa da área de formação da cidade.

Na década de 1930, a Avenida Tavares de Lira na Ribeira tornou-se importante porta de ligação da cidade com o seu cais, foi dotada de lojas, livrarias e cafés, concentrando importantes atividades comerciais e políticas da época. A Avenida Rio Branco na Cidade Alta passou por uma série de intervenções públicas e o seu prolongamento, consolidou-a como uma segunda ligação entre os dois mais antigos bairros da cidade. A nova conexão recebeu uma série de intervenções públicas, atraindo para seu eixo inclusive atividades comerciais (OLIVEIRA, 2008).

Na década de 1940, a percepção de que se criava uma nova cidade ficou mais latente. Segundo Ferreira e Dantas (2009, p.159), o período foi “um marco a separar a cidade moderna” em expansão de “uma antiga cidade” lenta e tranquila, imagem romantizada do passado que havia sido rompida pelo contexto da Segunda Guerra Mundial. Durante 1939-45, um expressivo contingente de norte-americanos se instalou na cidade, aproximando-a do conflito bélico. Nas restrições impostas pela guerra, comerciantes da Ribeira experimentaram um próspero crescimento econômico (OLIVEIRA, 2008). Somado a um expressivo crescimento populacional, a partir das décadas de 1940 e 1950, a malha urbana de Natal desenvolveu-se para novas áreas, formando um tecido esparso e marcado por uma centralidade linear que coincide com as principais vias do sistema viário⁸.

⁷ Entre os estudos historiográficos consolidados sobre Natal, Cf. João Miranda (1999) *Evolução urbana de Natal em 400 anos 1599-1999*; as publicações *Surge et Ambula* (2005), organizado por Ângela L. Ferreira e George A. Dantas; *Uma cidade são e bela* (2008) de Ângela L. Ferreira et al.; *Da cidade de Deus à cidade dos homens* (2009) de Rubenilson Teixeira; a tese de doutorado *A cidade e a guerra* de Giovana Oliveira (2008) e a dissertação de mestrado *Ribeira, técnica versus natureza* de Yuri Simonini (2010). Também são referência publicações sobre os processos de modernização nas cidades brasileiras, a exemplo dos estudos de Robert Pechman (1990) e Eloísa Petti Pinheiro (2011).

⁸ Cf. Estudos morfológicos da cidade, a exemplo de Valéria Ferraz (2008).



DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8649547

3. Registros memorialísticos ne Natal

As transformações urbanas de fins do século XIX a meados da década de 1950, marcaram fortemente a construção da memória de Natal, mais especificamente os escritos de Luis da Câmara Cascudo tiveram papel fundamental na construção da história e memória da cidade (FERREIRA e DANTAS, 2009). O intelectual, que obteve prestígio nacional, morou mais de 40 anos na Avenida Junqueira Aires, fez parte da elite política local, publicou uma série de obras sobre a cultura potiguar. Ângela Ferreira e George Dantas (2009) destacam a importância da figura de Cascudo na construção dos discursos de modernização da cidade.

Ferreira e Dantas (2009, p.164) analisam algumas produções de Cascudo das décadas de 1920 a 1940 e afirmam a importância da publicação em 1947 de *A história da cidade de Natal*, a obra em que abordou temas desde a fundação da cidade até a década de 1940, contexto da Segunda Guerra Mundial. Os autores observam que nos escritos analisados o intelectual vinha construindo sua tese, como se percebe no texto publicado no jornal *A República*, em 30 de outubro de 1929. "Oficialmente existe a Cidade de Natal há trezentos e trinta anos. Relativamente parece com esse título há oito ou nove anos. Ou melhor, imita cidade recém fundada, se o enviesamento das artérias não denunciasses a velhice" (CASCUDO, 1929 apud FERREIRA e DANTAS, 2009, p.166).

O livro *A história da cidade de Natal*, apesar do caráter de coletânea, não é "assistemático" como parece à primeira vista, pois apresenta "de forma não linear, estruturando-se pouco a pouco" a tese de que a cidade de Natal só passaria a ser cidade de fato com os ciclos de modernização do início do século XX (FERREIRA e DANTAS, 2009, p.161-162). Os registros memorialísticos de Cascudo demonstram seu posicionamento no debate cultural da época, contribuindo para a construção de uma conjuntura possível para a modernização da cidade. Neste sentido, deixa claro seu ponto de vista ante ao dilema do progresso, entre o novo e o antigo. "Não há, para Cascudo, dicotomia. Preservar e valorizar os costumes e as práticas populares não significava preservar o espaço da cidade tradicional. Essa sobreviveria no registro da memória e da história que o próprio Cascudo ajudaria a construir e a sedimentar" (FERREIRA e DANTAS, 2009, p.168).

A História da cidade contada por Cascudo (1949, p.128), baseada em documentos e registros memorialísticos, inclusive o dele mesmo é permeada de frases como "Tudo isso o tempo diluiu. Mas a História ficou..." No capítulo sobre a "Cidade Alta e Ribeira" o autor cita as edificações, ruas e praças que configuraram esse trecho da cidade. Evidenciam as dificuldades técnicas vencidas definitivamente somente no início do século XX para aumentar a ligação



DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8649547

entre as duas ocupações, que tinham como obstáculo a ladeira e a área alagada do Rio Potengi (atual praça Augusto Severo).

A única via de acesso entre Cidade Alta e Ribeira era a ladeira íngreme, escorregando como sabão depois das chuvas. Nos papéis velhos a frase comum é o *aterro*. [...] Os nomes foram crescendo, Aterro, Ladeira, Subida da Ladeira, rua da Cruz. Poucos moradores na metade do século XIX. [...] O aterro colonial foi lentamente sendo substituído por pedras soltas, empedrado, trilha, calçada, paralelepípedo. Várias vezes o aclave foi rebaixado. A história termina quando o Prefeito Omar O'Grady venceu o barro, tirou as pedras e vestiu a ladeira com calçamento que resiste a tempo, água e esquecimento. O Prefeito Omar O'Grady pôs Natal no caminho do século XX. Estava no XVIII. (CASCUDO, 1949, p.129-131, grifo do autor)

No registro de Cascudo a Ribeira aparece com pouca expressão até os "últimos anos do século XIX e primeiros do século XX". Somente com as melhorias técnicas do terreno alagado às margens do Rio Potengi e a ligação definitiva com a Cidade Alta é que a Ribeira ganhou importância para o autor. Antes pantanosa, "escura e triste", local doente a ser tratado pela engenharia sanitária, depois lugar dos "grandes hotéis da época, casas comerciais, armazéns, alfaiates, farmácias, clubes de dança, o primeiro cinematógrafo da Cidade (Cascudo, 1949, p.137). Os dois núcleos que tiveram "vida quase independente", configurando no século XIX a "rivalidade" entre "canguleiros" (moradores da Ribeira) e "xarias" (moradores da Cidade Alta), com as intervenções técnicas passaram a fazer parte de cidade moderna.

Na crônica *Natal uma Cidade Sempre Nova* (publicada em 1949) é claro o posicionamento de Cascudo. Ele afirma que as construções simples da cidade foram feitas para durarem pouco e sendo, portanto, constantemente reconstruídas, restando quase nada dos séculos anteriores ao século XIX. Para o autor: "Natal é uma cidade sempre nova, sem casario triste e sujo, sem sobradões lúgubres que ainda o Recife é obrigado a manter"⁹. Registros memorialísticos de outros autores também colaboraram para a lembrança e o esquecimento de certas partes da cidade.

Lauro Pinto, no livro *Natal que eu vi* (publicado em 1971) descreve a Ribeira citando seus limites nomeadamente o Cais do Porto, o Rio Potengi e a Praça Augusto Severo. Citou a pouca ventilação, o calor e os frequentes alagamentos da Ribeira. Destacou o período de apogeu econômico do bairro, descrevendo-o como o mais movimentado de Natal. "Era o bairro

⁹ A crônica *Natal uma Cidade Sempre Nova* foi republicada completa em versão recente de Pedro Lima que toma o mote do texto de Luis da Câmara Cascudo publicado em 1949 para refletir sobre a relação da cidade de Natal com o "novo" (LIMA, 2008).



DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8649547

da maioria dos homens ricos de Natal, do comércio mais variado, das grandes lojas, casas comerciais e empresas” (PINTO, 1971, p.25). O local do Carnaval de rua, dos Clubes, da grande movimentação do Porto, da rede Ferroviária (antiga Great Western), dos hotéis da cidade, do cinema Politeama, do Teatro, da Escola Doméstica (apenas de moças) e do Grupo Escolar Augusto Severo. Relembra os dias de competição dos clubes de remo (Esporte Clube de Natal e Centro Náutico de Remo) no Rio Potengi que eram dias de festa no bairro.

Na Ribeira teve o café “Cova da Onça” que foi “o Quartel General do Partido Popular, depois U.D.N, e hoje, podemos dizer a ARENA. Ali reuniam-se os políticos adeptos dos chefes políticos, entre eles: José Augusto Bezerra de Medeiros e Rafael Fernandes” (PINTO, 1971, p.31). A Ribeira concentrou diversos usos até seu “período de ouro” no contexto da Segunda Guerra Mundial. O autor lembra que durante a Guerra cabarés e casas de diversão concentraram-se na Ribeira, apontando esta promiscuidade como o “principal defeito” do local, pois ocorriam ao lado de outras atividades, inclusive o dia a dia de famílias que lá haviam. Lauro Pinto também relata que com o fim da Guerra houve a diminuição do dinheiro circulante na Ribeira e muitos estabelecimentos comerciais passaram a se fixar na Cidade Alta (no entorno da Av. Rio Branco) e no Alecrim (bairro vizinho).

Até esta “invasão do comércio” a Cidade Alta era um bairro quase exclusivamente familiar e de população numerosa (PINTO, 1971). Além das residências, nesta área da cidade estavam as principais repartições e entidades, como: Palácio do Governo Estadual e Municipal, Quartel da Força Federal, Quartel da Polícia Militar, Tribunal de Justiça, Liceu Industrial, dentre outros. Sobre os locais de sociabilidade da época, ele destaca a vitalidade da Av. Rio Branco, que na década de 1930, após passar por transformações urbanas, havia se consolidado como “Coração de Natal” (PINTO, 1971, p.40). A via era marcada pelo Mercado Público Municipal¹⁰ - que conforme o autor, “era o lugar onde se sabia de todos os acontecimentos, quer políticos ou sociais” - e pelo “Grande Ponto”.

Ontem, como ainda hoje penso, ainda perdurará por muitos anos, o maior e mais movimentado ponto de reunião dos ‘papos’ de Natal: a fortaleza denominada Grande Ponto. Lugar de reunião das conversas infindas, dos partidos políticos em assembleias extraoficiais dos encontros amorosos, das discussões esportivas, da exibição de vestidos novos, dos aposentados e vagabundos, das fofocas e, mais ainda, do falatório da vida alheia. [...] Mas hoje, como ontem o Grande Ponto, a Cidade Alta é o coração de Natal. O movimento hoje é enorme. Lojas e estabelecimentos modernos e

¹⁰ O Mercado Público Municipal da Av. Rio Branco funcionou até a década de 1960 - quando foi destruído por um incêndio (PINTO, 1971).



DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8649547

artisticamente ornamentados. Ótima iluminação. Pelas 17 horas temos a impressão de que estamos em uma cidade grande (PINTO, 1971, p.36).

Uma das tradições que o tempo apagou foi a Feira do Passo da Pátria, como relata Lauro Pinto (1971, p.40) ela “marcou época”: aos sábados “vinha muita gente de toda Natal fazer compras”. A feira estava fadada ao esquecimento, pois segundo o autor “Era o lugar mais sujo, pobre e desgraçado de Natal”, à noite se transformava em violência, prostituição, “forrobodó e cachaça”. A feira e algumas outras práticas sociais populares fora dos padrões de modernidade foram transferidas para outros locais da cidade, conforme Ferreira e Dantas (2009, p.159):

[...] as reformas urbanas não transformam ou destroem a dimensão física da cidade apenas; ao fazê-lo, alteram, muitas vezes radicalmente, os espaços de sociabilidade tradicional, rompem os tecidos históricos e sociais das atividades populares. Cada vez mais circunscrita e alijada dos espaços centrais, a cidade dos folguedos populares, das cheganças, dos reisados, dos emboladores, os espaços da manifestação popular seriam apartados.

As crônicas, do livro *Nossa Cidade Natal*, também destacam os antigos locais de sociabilidade e a vitalidade de algumas vias, como: “Grande Ponto, Reis Magos, Natal Club, Majestic, Mercado, Rex, Royal, São Luís, Cova da Onça, rua Chile, Dr. Barata, Tavares de Lira, Rio Branco”, (MELO FILHO apud NATAL, 1984, p.77). O vendaval do progresso modificou as relações sociais existentes com os tradicionais bairros da Cidade Alta e Ribeira. A separação da cidade antiga com a cidade atual, foi evidencia com o processo de modernização. Nesse sentido para Pinto (1971, p.41), “O Tempo, a Civilização, o Progresso e o Destino devoraram tudo: coisas boas e ruins”. Severo Neto (apud NATAL 1984, p.10) revela a “lírica e imensa saudade” da Natal do passado, levada pela construção da modernidade.

Mudaria Natal ou mudei eu?’ Nada disso, nós mudamos juntos. Na cidade, o progresso e os moderno/modismo destruíram as formas de moça provinciana, vestindo-a de longos espigões que emparedam a brisa, sufocam as árvores e as praças. Em mim a pátina do tempo transformou-se em rugas, em cabelos brancos, em cansaço dos aclives e em uma lírica e imensa saudade.

Se os registros memorialísticos de Natal revelam um caráter de nostalgia, de um “tempo de ouro” vivido pelos bairros, o que as narrativas do presente dizem sobre essa tradicional área da cidade? Após a década de 1940, Cidade Alta e Ribeira passam por um



DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8649547

processo de decadência. Na década de 1950, o Governou passou a incentivar a criação de novas áreas e o turismo de “sol e mar”, dotando outras partes da malha urbana de infraestrutura. Os investimentos nos dois bairros diminuíram e estabelecimentos comerciais e residenciais migraram para as áreas de expansão.

4. Narrativas do presente sobre a mais antiga área da cidade

O processo de decadência contribuiu para a formação de novas imagens negativas sobre partes do tecido tradicional. Principalmente na Ribeira, a degradação física e sensação de insegurança passaram a configurar obstáculos a apropriação do espaço (Cf. ELALI, 2007; TINOCO et al. 2008; [omitido para revisão cega]). Por outro lado, partir da década de 1990, inicia-se “um processo mais significativo de reconhecimento de valores e construção de estratégias para o patrimônio cultural” [omitido para revisão cega]. O reconhecimento de bens patrimoniais em Natal é parte de um cenário nacional e internacional de ampliação do conceito de patrimônio, para uma dimensão cultural, que passou a evidenciar a importância de conjuntos modestos, de bens que forneçam suporte à memória e identidade de pequenos grupos (STARLING, 2009; CHUVA, 2012).

Em Natal, entre as ações relacionadas a uma política de patrimônio cultural se destacou a criação de uma Zona Especial de Patrimônio Histórico (ZEPH, através da lei nº 3.942/1990). O reconhecimento municipal dessa área particular motivou os debates do *Seminário Ribeira Velha de Guerra* (1993) e os primeiros desdobramentos da preocupação com a preservação nas propostas do *Plano Diretor de Natal* (PDN) de 1994. Em 1995/96 ocorreu a primeira reabilitação física de conjunto, com *Projeto Fachadas da Rua Chile*. Em 1997, entrou em vigor a Operação Urbana Ribeira (OUR) instrumento previsto no PDN/1994 para atuação em partes especiais da cidade¹¹.

O programa *ReHabitat* (2004) e o *Plano de Reabilitação de Áreas Centrais* (PRAC-2006) contribuíram com estudos detalhados para a Ribeira, no entanto apresentando poucas transformações físicas. Em 2007 houve a revisão da OUR, cuja principal modificação foi o aumento do coeficiente de construção, que acarretou a verticalização de imóveis na cota mais alta da Ribeira. Estado e município contribuíram para requalificação de edificações, investiram em usos culturais, realizaram melhorias em espaços públicos e incentivaram eventos locais. O largo do Teatro Alberto Maranhão (praça Augusto Severo) foi uma das principais intervenções físicas recentemente realizadas (inaugurado em 2008). Esse espaço livre situado no principal eixo do centro histórico tem sido utilizado para os eventos culturais.

¹¹ [omitido para revisão cega].



DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8649547

De 2010 aos dias atuais o patrimônio cultural potiguar ganhou mais visibilidade¹², com o tombamento pelo IPHAN de Conjunto Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico em Natal. O reconhecimento federal de um eixo monumental na Cidade Alta e bairros inteiros na Ribeira se apoiou em estudos anteriores sobre a área. A instituição de uma poligonal de entorno e uma de tombamento reacendeu discussões sobre a percepção do ambiente patrimonial, interferindo inclusive na estratégia do município de verticalizar parte da Ribeira. Os diversos agentes envolvidos com o centro histórico precisam estar em permanente diálogo para compatibilizar interesses particulares com uso patrimonial, isso envolve enorme desafio e necessita de mecanismos de gestão, como a criação de um escritório técnico para ampliar o diálogo entre as ações isoladas que vem sendo desenvolvidas.

Passados quase sete anos do tombamento federal, ainda não se verifica uma valorização mais ampla da área patrimonial de Natal, as discussões continuam em aberto¹³. Nesse sentido, faz-se pertinente retomamos alguns resultados da pesquisa de campo realizada em 2013-2014¹⁴, a fim de destacarmos a importância de desenvolver políticas culturais para aproximar a população da área reconhecida institucionalmente como patrimonial. A análise qualitativa das falas obtidas em campo¹⁵ é sugestiva de possibilidades para oferecer ideias de como os usuários locais podem otimizar práticas sociais com o centro histórico, ou mesmo criar novas relações que possam contribuir para sua identificação com o local. Essa conexão do presente com o passado é vital para a salvaguarda do patrimônio potiguar.

As narrativas do presente coletadas em campo se apoiam em exemplares arquitetônicos locais. Por exemplo, seniores e idosos referiram-se ao imóvel da Antiga Rodoviária que hoje é um museu do Estado. Essa edificação modernista foi construída na Praça Augusto Severo, localização privilegiada na época em que se realizavam remodelações urbanas para a construção da imagem da Natal moderna. A praça e sua rodoviária marcaram época, foram elementos de atração de movimento da Ribeira. A desativação da rodoviária aliada ao

¹² Natal foi contemplada entre pelo *Programa de Aceleração do Crescimento* (PAC) do Governo Federal que permitiu a construção do terminal marítimo de passageiros [omitido para revisão cega] também foi incluída em 2013 no PAC-Cidades Históricas (os rebatimentos físicos de projeto ainda não foram estudados). As discussões para o local continuam em aberto, atualmente está em andamento um concurso de soluções criativas e inovadoras para o centro histórico de Natal, a 1ª Edição Nacional do *BID Urban Lab*.

¹³ Atualmente está em andamento um concurso de soluções criativas e inovadoras para o centro histórico de Natal, a 1ª Edição Nacional do *BID Urban Lab*.

¹⁴ [omitido para revisão cega].

¹⁵ A seleção dos usuários foi aleatória na área de estudo e a análise dos dados segue o protocolo ético, resguardando a identidade dos respondentes, eles apenas foram identificados por tipo de vínculo com a área de estudo (morador, trabalhador ou visitante) e pela faixa etária (jovem 18-28 anos; adulto 29-44; sênior 45-59; idoso acima de 60 anos).

processo de decadência econômica do bairro e a conseqüente subutilização do seu patrimônio, demonstraram estar presentes na representação da imagem do centro histórico local.

A maior parte do pessoal do interior vinha para rodoviária, da rodoviária é que saía. Todo comércio era centrado em baixo, na Ribeira. Vinham os ônibus, você tinha mercadoria. Quando pelos anos 70 a rodoviária saiu daqui, foi para a Cidade da Esperança. (Sênior - trabalhador)

Em edificações no entorno da Praça Augusto Severo, encontram-se trabalhadores (seniores) que possuíam pequenos quiosques na rodoviária. Quando ela foi transferida para outra área da cidade, alguns comerciantes optaram por permanecer no bairro, alugando o térreo de edificações no conjunto da praça, pois se sentiam vinculados ao ambiente pelas relações sociais construídas. A fala de um trabalhar idoso deixa transparecer o apego ao bairro, demonstrando que com a vivência sua concepção sobre a Ribeira mudou.

Antigamente quando eu trabalhava no Samburá, o pessoal falava da Ribeira, eu tinha medo da Ribeira. Depois que eu saí do Samburá arrumei um dinheirinho e comprei dois quiosques aqui na Rodoviária velha, passei de 16 anos. Aí perdi o medo da Ribeira. Gosto tanto da Ribeira que tô aqui ainda. [...] Eu adoro a Ribeira.

Existe uma dificuldade de enxergar valor nos quarteirões modestos da Ribeira. Edificações em ruínas, abandonadas e fechadas contribuem para a propagação de uma imagem negativa da Ribeira. Trechos da Rua Chile (Figura 3) e outras ruas estreitas do bairro, não passam de mero estacionamento nos horários comerciais. A sensação de medo nos quarteirões tombados aumenta no horário noturno, pois certas áreas ficam sem movimento de pessoas.



Figura 3 – Rua Chile com Avenida Tavares de Lira, na Ribeira.



DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8649547

Fonte: [omitido para revisão cega], maio de 2012.

Nas falas dos usuários observa-se um caráter de nostalgia de um tempo “de ouro” vivido, época do funcionamento do Grande Hotel¹⁶ e dos bondes. Os relatos de seniores e idosos citam locais de sociabilidade apagados do cotidiano, como a *Peixada Potengi*, o *Tabuleiro da Baiana* e o *Café Cova da Onça*. Antigos pontos de encontro de determinados grupos que também foram citados nos registros memorialísticos de Natal e em pesquisas anteriores que consultaram os usuários (ELALI, 2007; TINOCO et al., 2008).

Av. Tavares de Lira antigamente era a rua mais conhecida de Natal. Tinha pé de Ficus. Ficavam aqueles homens de baixo da sombra. Aí começava a juntar gente e se sentavam no café ‘Cova da Onça’. O café ninguém comprava, porque o povo era tudo sentado nas cadeiras, aí fechou. Tem um ditado que diz: ‘quem conversa foi quem fechou o Café Cova da Onça’ [sic]. (Visitante - idoso)

Visitantes relataram a importância comercial que a área de estudo teve. Ruas hoje em dia quase totalmente sem uso como a Rua Dr. Barata na Ribeira, segundo Tinoco et al. (2008), tinha um “forte comércio” que atraía um intenso movimento de pessoas. Citaram inclusive alguns estabelecimentos comerciais que fecharam ou mudaram para bairros vizinhos, como Alecrim. Entre eles, lojas de materiais de construção, ferramentas/ferragens e lojas de departamento.

A Avenida Rio Branco, que desde a década de 1930 se destacou como importante eixo viário, manteve seu uso predominante comercial. Nessa via, no trecho da Cidade Alta, funcionou o Mercado Público Municipal e no cruzamento com a Rua João Pessoa, o “Grande Ponto”, que foi mencionado por idosos (moradores e visitantes) e pelos registros memorialísticos da cidade. Próximo ao “Grande Ponto” se situaram os cinemas (Rex, Nordeste e Rio Grande), lembrados por respondentes adultos, seniores e idosos. Algumas calçadas das vias comerciais guardaram velhas práticas sociais da conversa de rua, como se verificou no tradicional ponto de encontro em frente ao Café São Luiz, que funcionou por mais de 60 anos no local e fechou suas portas em 2017 para dar lugar a uma loja de roupas.

Na fala sobre o passado da cidade ficou evidente o apoio em registros memorialísticos da cidade, destacadamente nos de Luís da Câmara Cascudo. Usuários que fizeram referência aos textos do importante intelectual potiguar foram dos mais variados perfis, de todas as

¹⁶ Edificação de características protomodernas, projetado pelo francês George Munier, inaugurada no início da Segunda Guerra, primeiro hotel construído dentro dos padrões estéticos e higiênicos do século XX, constituindo-se em parte integrante do “Plano Geral de Obras” (1935/39) do Escritório Saturnino de Brito (FERREIRA et al., 2008, p.162).

faixas etárias e vínculos com a área de estudo (moradores, trabalhadores e visitantes). A história contada pelas memórias de Cascudo está presente fisicamente, na casa que o intelectual viveu (Figura 4). O imóvel é reconhecido como patrimônio desde 1990 pelo nível estadual, em 2010 passou a fazer parte do perímetro de tombamento federal. A casa continua de propriedade dos descendentes de Cascudo que mantêm um Instituto para gerenciar a material bibliográfico do autor.



Figura 4 – Avenida Junqueira Aires, na Cidade Alta. A terceira casa é a que Câmara Cascudo morou.
Fonte: [omitido para revisão cega], março de 2013.

A referência ao intelectual potiguar foi imediata na fala do morador adulto, “Câmara Cascudo, nosso maior ícone, viveu lá toda a vida. Morou lá. Tudo que ele escreveu foi por ali”. Outros respondentes utilizaram o que haviam lido do autor para dar suporte a seus relatos, um jovem visitante e um idoso trabalhador lembraram da rivalidade entre *Xarias* (moradores da Cidade Alta) e *Canguleiros* (da Ribeira) narradas na obra *História da Cidade do Natal*. Conforme os estudos históricos de Natal, estas rivalidades duraram do século XVIII até o início do século XX quando as melhorias urbanas permitiram uma ligação mais definitiva entre os dois bairros.

Uma senhora moradora utilizou Cascudo para falar da história da Igreja Nsa. Sra. do Rosário dos Pretos que também faz parte da área tombada pelo IPHAN. A moradora da Cidade Alta deixou transparecer na sua fala a insatisfação com a falta de interesse de grande parte da população pela preservação do patrimônio local e lamentou a degradação física dos suportes materiais da história da cidade.

Quando a gente vai a qualquer cidade quer logo conhecer a história, as igrejas antigas. Aqui em Natal não. Menina o museu é tudo acabado, a calçada é toda acabada. [...] Quando vem turista aqui, principalmente mineiro e baiano que gosta muito de história. Diz lá a gente também tem Nsa. Sra. do Rosário, porque é a padroeira dos negros [...] Nsa. Sra. do Rosário dos Pretos, porque foram eles que

construíram a igreja. Muitos deles foram arrancados de suas tribos [...] para vir para cá como escravos. Quem fala bem direitinho sobre isso é Câmara Cascudo, tem um livro Memórias de Natal.

Nas narrativas do presente sobre a área de estudo, percebe-se a fraca presença do rio e seus aspectos históricos e paisagísticos. Apenas uma senhora e um senhor, ambos moradores do local, fizeram referência a Cascudo quando falaram da Pedra do Rosário. A moradora da Cidade Alta utilizou as memórias do autor para citar a descoberta da Santa Senhora do Rosário nas margens do Rio Potengi. Este acontecimento foi comemorado com a procissão da imagem de seu local de descoberta até a igreja matriz. A tradição religiosa, iniciada “provavelmente em 1753”, continua anualmente a ocorrer. O senhor destacou os atributos da paisagem às margens do Rio. “A Pedra do Rosário [...] como Câmara Cascudo dizia, pode ter lugar mais bonito, mas o pôr do sol mais bonito do mundo é ali perto da casa que ele morava”.

As recordações relacionadas às praças da área de estudo foram mencionadas por respondentes de diferentes faixas etárias e vínculos. A Praça André de Albuquerque foi citada pelas atividades de lazer realizadas pelos usuários, pelas brincadeiras na juventude e pelas lembranças de elementos do passado. Um morador adulto relacionou a praça com um fato da história do Rio Grande do Norte. Ele abordou a morte de André de Albuquerque, mártir da Revolução Pernambucana de 1817¹⁷, baseado em leituras da obra de Cascudo.

[...] foi ferido aí, deste lado de cá da praça. Ali na esquina tem uma casa que foi onde eles pegaram André de Albuquerque.[...] Um sujeito deu uma cutilada [sic] por debaixo da mesa, na virilha dele, que ficou doente deste ferimento. Obrigaram a confessar e levaram ele para a Fortaleza dos Reis Magos, ficou lá até morrer. Quando morreu [...] veio carregado dali nu, pelado [...] Enterraram ele aqui na Praça André de Albuquerque.

Nos espaços públicos do centro histórico se manifestam antigas práticas religiosas. Como na praça João Maria, citada em lembranças de festas religiosas e de pessoas da elite política que se relacionavam com o local. Na observação de campo pode-se perceber que o busto do padre João Maria está sempre com fitas, oferendas e flores (Figura 5); sinais de práticas religiosas pelas graças alcançadas.

¹⁷ Conforme Fausto (2010), a Revolução Pernambucana ocorreu durante o período imperial teve como principal motivo o descontentamento da região nordeste com sua situação econômica, dela participaram Pernambuco, Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte.



Figura 5 – Busto do Padre João Maria, na Cidade Alta.
Fonte: [omitido para revisão cega], agosto de 2013.

As narrativas do presente coletadas em campo oferecem rico material para a discussão de caminhos para promover uma apropriação mais ampla da população com o patrimônio cultural potiguar. É preciso resignificar locais esquecidos pela história e memória da cidade. Também superar imagens negativas associadas a área de estudo, fortalecendo a importância cultural da Cidade Alta e Ribeira no cenário contemporâneo. A fim de que os antigos bairros não sirvam apenas ao sentimento de perda e saudade dos seus tempos de “ouro”, mas que acima de tudo façam parte do presente e fortaleçam a história e memória da cidade. A participação dos sujeitos¹⁸ (população, produtores culturais, agentes do governo) é vista como fundamental à preservação do patrimônio, pois esta precisa ter significado no presente.

5. À guisa de conclusão...

A discussão do artigo é sobretudo um convite a reflexão sobre a pouca presença do patrimônio material potiguar na imagem contemporânea de Natal. A leitura dos bens legados do passado é feita a partir da fala de usuários do centro histórico reconhecido inclusive em nível federal. A análise das narrativas do presente é feita com base em estudos historiográficos consolidados e registros memorialísticos.

¹⁸ Cf. Salvador M. Viñas (2005) aborda a importância dos sujeitos na conservação do patrimônio. Mônica Starling (2009), demonstra que o patrimônio está cada vez mais próximo da dimensão urbana, das políticas de planejamento da cidade e da relação com diversos grupos da sociedade.



DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8649547

A abordagem adotada evidenciou a presença de imagens negativas associadas ao tecido tradicional que precisam ser desmanchadas. Nesse sentido, destaca-se a necessidade de se trabalhar o legado de Câmara Cascudo, reconhecendo a sua importância em contar parte a história e memória da cidade, como o aparecimento da Santa no Rio Potengi ou a morte de André de Albuquerque. Mas acima de tudo superar a reprodução de uma visão de *Natal cidade sempre nova*, seus escritos precisam ser lidos como um produto do seu contexto. O intelectual de prestígio nacional fez parte da elite política da época e teve papel importante na implantação do discurso de modernidade, evidenciando a necessidade de reformar certas áreas do sítio.

O contato com os usuários da Cidade Alta e Ribeira permitiu observar que há lembranças em potencial a serem registradas por trabalhos de história oral, a fim de salvaguardar memórias dos diversos grupos relacionados com o ambiente e possibilitando a transmissão para as novas gerações. É preciso trabalhar os esquecimentos do processo de construção da memória da cidade. A análise obtida demonstra que na área de estudo, áreas que receberam intervenções nos primeiros ciclos de modernização do século XX possuem uma presença mais forte na imagem do presente. Enquanto que ambientes fora dos padrões modernos foram fadados ao esquecimento, como a Feira do Passo da Pátria que deixou de existir e vielas da Ribeira agonizam sem uso. A construção do valor patrimonial para a Cidade Alta e Ribeira, tem como desafio trabalhar a relação da cidade com seu antigo núcleo, rompida na construção do imaginário moderno.

No caminho para a valorização de maneira mais abrangente do patrimônio potiguar, destacamos a importância dos sujeitos (população, produtores culturais, agentes do governo). Para fazer sentido para a população o local precisa ter uso e significado no presente. Por isso é essencial considerar a dimensão urbana do conjunto reconhecido pelos níveis de governo. A aproximação com a Cidade Alta e Ribeira, permitiu observar, a necessidade de garantir a diversidade de usos no local, além de cultural, a malha também possui comércio e serviços que atraem uma grande quantidade de população flutuante (trabalhadores e visitantes). O uso residencial também é bastante importante para a vigilância social da área de estudo nos períodos fora do horário comercial. Também, observou-se a importância das praças no tecido tradicional para estimular vivências de diversos perfis de usuários.

Uma gestão patrimonial mais eficiente para o centro histórico de Natal deve possibilitar uma maior articulação entre os agentes envolvidos na construção da sua imagem contemporânea. Para tanto é preciso trabalhar as potencialidades locais. Como o patrimônio arquitetônico existente, a boa localização e infraestrutura instaladas, a qualidade paisagística-ambiental do antigo tecido com o Rio Potengi. Afinal a salvaguarda de bens legados do



DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8649547

passado precisa fazer sentido no presente, contribuindo para fortalecer a história e memória da cidade.

6. Referências

ANDRADE, Mario de. **O Turista Aprendiz**. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

[omitido para revisão cega].

[omitido para revisão cega].

CASCUDO, Luís da Câmara. **Grande Ponto**: contos, poesias, ensaios, depoimentos. Natal RN: Editora Universitária, 1981.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da Cidade do Natal**. 3.ed. Natal: RN Econômico, 1999.

CHUVA, Márcia. Preservação do patrimônio cultural no Brasil: uma perspectiva histórica, ética e política. In: CHUVA, Márcia e NOGUEIRA, Antônio Gilberto (Orgs.). **Patrimônio Cultural: políticas e perspectivas de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad X, FAPERJ, 2012.

DANTAS, George; NASCIMENTO, José Clewton; VIEIRA-DE-ARAUJO, Natália. O cavalo de batalha moderno: [R]existências, debates e possibilidades em torno do caso do Hotel Internacional Reis Magos. **Revista CPC**, São Paulo, n.22, p.37-69, jul./dez. 2016.

ELALI, Gleice Azambuja. Imagem sócio-ambiental de áreas urbanas: um estudo na Ribeira, Natal-RN-Brasil. **Psicologia para a América Latina**, México, jul. 2007, nº10.

FABRIS, Annateresa. Arquitetura Eclética no Brasil. **Anais do Museu Paulista**, Nova Série n. 1, 1993. p.131-143.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 13 ed. São Paulo. Editora da USP, 2008.

FERRAZ, Valéria. **Turismo cultural na ZEPH-Ribeira**: possibilidades e limitações. 2008. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.



DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8649547

FERREIRA, Ângela Lúcia e DANTAS, George. (Orgs.). **Surge et ambula:** a construção de uma cidade moderna (Natal, 1890-1940). Natal: EDUFRN, 2006.

FERREIRA, Ângela Lúcia; et al. **Uma cidade sã e bela:** a trajetória do saneamento de Natal – 1850 a 1969. Natal: IAB/RN; CREA/RN, 2008.

FERREIRA, Ângela Lúcia de Araújo; DANTAS, George A. F. ."Em nome da cidade": modernização, história e cultura urbana em Câmara Cascudo nos anos 1920. In: Eduardo Kingman Garcés. (Org.). **Historia Social Urbana:** espacios y flujos. Quito: Flacso Ecuador, Ministerio de Cultura, 2009, p. 155-172.

IPHAN. **Processo de tombamento nº 1158-T-08.** Pedido da Sub-Regional do Rio Grande do Norte de tombamento do centro histórico de Natal-RN. Natal, 2008, v. III.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** 2 ed. São Paulo: Centauro, 2006.

LIMA, Pedro de. **Cidade sempre nova e outros escritos.** Natal: Plena, 2008.

MIRANDA, João Maurício Fernandes de. **Evolução urbana de Natal em 400 anos, 1599-1999.** Natal, RN: Prefeitura do Natal, 1999.

NATAL. **Nossa Cidade Natal:** crônicas. Natal, Prefeitura Municipal do Natal, 1984.

NESI, Jeanne. **Natal Monumental.** Natal-RN: IPHAN/RN, 2012.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto história:** Revista do Programa de Pós-graduação em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, nº 10, p.7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Giovana. Conferência de Manoel Dantas. In: FERREIRA, Ângela Lúcia e DANTAS, George. (Orgs.). **Surge et ambula:** a construção de uma cidade moderna (Natal, 1890-1940). Natal: EDUFRN, 2006.

OLIVEIRA, Giovana. **A cidade e a guerra:** a visão das elites sobre as transformações do espaço da cidade do Natal na Segunda Guerra Mundial. Tese (Doutorado), Universidade



DOI: 10.20396/urbana.v9i3.8649547

Federal de Pernambuco. Programa de pós-graduação em Desenvolvimento Urbano, Recife, 2008.

PECHMAN, Robert. Um olhar sobre a cidade: estudo da imagem e do imaginário do Rio na formação da modernidade. **Cidade e História** – Modernização das cidades brasileiras XIX e XX. Salvador, ANPUR, P.33-43, 1990.

PINHEIRO, Eloísa Petti. **Europa, França e Bahia:** difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador). 2 ed. Salvador: UFBA, 2011.

PINTO, Lauro. **Natal que eu vi.** Natal: Imprensa Universitária, 1971.

SILVA, Heitor de Andrade. **Revitalização urbana de centros históricos:** uma revisão de contextos e propostas: a Ribeira como estudo de caso. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2002.

SIMONINI, Yuri. **Ribeira, técnica versus natureza:** transformações em prol de um projeto de modernização (1860-1932). Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

STARLING, Mônica Barros de Lima. Patrimônio, participação local e democracia: o papel dos conselhos municipais de patrimônio cultural de Minas Gerais. **Políticas Culturais em Revista.** Salvador: 1 (2), p. 140-156, 2009.

TEIXEIRA, Rubenilson Brazão . **Da cidade de Deus à cidade dos homens.** A secularização do uso, da forma e da função urbana. 1. ed. Natal: EDUFRN, 2009.

TINOCO, Marcelo B.; SOBRINHA, Maria Dulce; TRIGUEIRO, Edja B. (orgs.). **Ribeira:** Plano de Reabilitação de Áreas urbanas centrais (PRAC/RIBEIRA). Natal: EDUFRN, 2008.

VELOSO, Maísa; ELALI, Gleice. **Qualidade de vida urbana em Natal** – mitos e realidades. EDUFRN, Natal, 2006.

VIÑAS, Salvador Muñoz. **Contemporary Theory of Conservation.** Oxford: Elsevier Butterworth-Heinemann, 2005.